

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES
ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Nailton Fernandes da Silva

**O EXPRESSIVISMO PRAGMATISTA DE R. BRANDOM COMO ALTERNATIVA
PARA PENSAR CONVERGÊNCIAS ENTRE HEIDEGGER E WITTGENSTEIN
ACERCA DO FENÔMENO LINGUÍSTICO**

Maceió

2017

Nailton Fernandes da Silva

**O EXPRESSIVISMO PRAGMATISTA DE R. BRANDOM COMO ALTERNATIVA
PARA PENSAR CONVERGÊNCIAS ENTRE HEIDEGGER E WITTGENSTEIN
ACERCA DO FENÔMENO LINGUÍSTICO**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal de Alagoas, como requisito
parcial para a obtenção do título de Especialista em
Filosofia Contemporânea

Orientador: Dr. Marcos Antônio da Silva Filho

Maceió

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- S856e Silva, Nailton Fernandes da.
O expressivismo pragmatista de R. Brandom como alternativa para pensar convergências entre Heidegger e Wittgenstein acerca do fenômeno lingüístico / Nailton Fernandes da Silva. – 2017.
42 f.
- Orientador: Marcos Antonio da Silva Filho.
Monografia (Especialização em Filosofia Contemporânea) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. – Maceió, 2017.
- Bibliografia: f. 41-42.
1. Brandom, Robert, 1950-. 2. Heidegger, Martin, 1889-1976. 3. Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951. 4. Linguagem (Filosofia). 5. Expressivismo. 6. Pragmatismo.
I. Título.

CDU: 141

Folha de Aprovação

AUTOR: NAILTON FERNANDES DA SILVA

O EXPRESSIVISMO PRAGMATISTA DE R. BRANDOM COMO ALTERNATIVA PARA PENSAR CONVERGÊNCIAS ENTRE HEIDEGGER E WITTGENSTEIN ACERCA DO FENÔMENO LINGUÍSTICO

Monografia submetida ao corpo docente da pós-graduação *lato sensu* em Filosofia Contemporânea da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 5 de Maio de 2017.

Dr. Marcos Antônio da Silva Filho, UFAL. (Orientador)

Banca examinadora:

Dr. Marcus José Alves de Souza, UFAL (Examinador interno)

Ms. Henrique José Praxedes Cahet, UFAL (Examinador interno)

Dr. William de Siqueira Piauí, UFS (Examinador externo)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais. Por meu sustento e compreensão.

A minha namorada. Pela compreensão e carinho.

Ao corpo docente da Especialização em Filosofia Contemporânea. Pelos inúmeros aprendizados em sala de aula, como também, fora dela.

Ao curso de Filosofia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas, que faz parte de minha vida desde 2011.2, e que só tende, cada vez mais, a crescer.

Aos caros coordenadores do grupo de estudo “Linguagem e cognição”: Dr. Marcos Silva e Dr. Marcus Souza. Pelos proveitosos momentos de debate e discussões filosóficas instigantes.

Aos SILC's (Seminários Interno de Linguagem e Cognição), que proporcionaram momentos marcantes de aprendizado, com críticas valiosas, como bem sabem os professores: Marcus Souza, Marcos Silva e “William Piauí” (UFS).

Ao grupo de estudo “Subjetividade e crítica ao sujeito moderno”, representado por: Ms. Henrique Cahet, Dr. Cristina Amaro e Dr. Fernando Monegalha. Pelos, não menos, prestigiosos momentos.

Ao meu caríssimo orientador. Que me incentivou nessa empreitada filosófica de enfrentar dois grandes nomes do século XX, me encorajando até o presente momento à luz de sua clareza analítica.

Meus sinceros agradecimentos à todos que se envolveram direta e indiretamente para a consecução deste trabalho. Novas etapas certamente virão!

O caminho racional-expressivista trilhado aqui se diferencia pela estratégia particular que ele emprega para entender a relação entre o que é meramente implícito e o conceitualmente explícito. (BRANDOM, R. 2000, p. 28)

RESUMO

Este trabalho não se propõe pensar convergências entre Heidegger e Wittgenstein no que toca ao estilo e método dos filósofos, ao invés disso, nos encarregaremos de defender a seguinte tese: Ao fazermos uso de nossa linguagem, nos comprometemos com práticas sociais regradas, que tem seu fundamento contingente, histórico e cultural. As convergências das perspectivas de nossos filósofos acerca do fenômeno linguístico, alcançará êxito na defesa, em comum, desta tese de rigor pragmatista. Para isso, utilizaremos *Ser e Tempo* (1927), *Introdução à filosofia* (1928/29) (M. Heidegger) e as *Investigações Filosóficas* (1953) (L. Wittgenstein) para falarmos do fenômeno linguístico, mediado pela seminal abordagem expressivista pragmatista de Robert Brandom, que nos possibilitará articular razões bastante parecidas acerca do solo contingente na qual fincamos nossas práticas enquanto usuários de linguagem.

Palavras-chaves: Heidegger, Wittgenstein, linguagem, expressivismo pragmatista, Brandom.

ABSTRACT

It is of no interest in this work to think of convergences between Heidegger and Wittgenstein as regards the style and method of philosophers, instead, we will defend the following thesis: In making use of our language, we commit ourselves to regimented social practices, which has its foundation contingent, historical and cultural. The convergences of our philosopher's perspectives on the linguistic phenomenon will succeed in the common defense of this thesis of pragmatist rigor. To achieve this objective, *Being and Time* (1927), *Introduction to Philosophy* (1928/29) (M. Heidegger) and the *Philosophical Investigations* (1953) (L. Wittgenstein) to talk about the linguistic phenomenon, mediated by seminal pragmatist approach expressivist Robert Brandom, which will enable us to articulate quite similar reasons about the contingent soil in which we base our practices as language users.

Keywords: Heidegger, Wittgenstein, language, pragmatist expressivism, Brandom.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	HEIDEGGER E WITTGENSTEIN CONTRA O REFERENCIALISMO.....	12
2.1	Contra o paradigma da linguagem referencialista.....	12
2.2	História e cultura: o que tornamos explícito em nossas práticas linguísticas.....	19
2.2.1	Wittgenstein e a prática de seguir regras.....	20
2.2.2	Heidegger e o seguimento de regras.....	23
3	<i>SPRACHSPIEL</i> E <i>ZUHANDENHEIT</i>. O QUE ESTÁ IMPLÍCITO EM NOSSAS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS.....	29
3.1	<i>Verstehen e Zuhandenheit</i>	33
3.2	<i>Sprachspiel</i> como prática originária.....	36
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo esclarecer pontos fundamentais acerca de nossas práticas linguísticas através das filosofias de Heidegger de *Ser e Tempo* (1927), *Introdução à Filosofia* (1928/29), e, de Wittgenstein das *Investigações Filosóficas* (1953). De modo que nos possibilite pensar possíveis convergências entre os autores.

Convergências essas, motivadas por uma postura notadamente pragmatista, onde o sentido e o significado em nossa linguagem é dado, não pelo entendimento prévio do conteúdo conceitual (platonismo), nem por uma relação estímulo-resposta (behaviorismo), mas, pelos usos variados que fazemos da mesma na cotidianidade de nossas vidas.

Em síntese, o foco deste trabalho é pensar o funcionamento de nossa linguagem cotidiana, a partir de pontos que acreditamos convergentes entre Heidegger e Wittgenstein.

Para tanto, analisaremos o fenômeno linguístico próprio de nossa condição humana, através de uma abordagem “racional-expressivista”, tal como Brandom se propõe pensar em *Articulando razões*, que: “[...] se diferencia pela estratégia particular que ele emprega para entender a relação entre o que é meramente implícito e o conceitualmente explícito.” (BRANDOM, R. 2000; 2013, p. 28)

O expressivismo brandomiano nos possibilitará ter uma clareza conceitual, nas perspectivas de Heidegger e Wittgenstein, pois o mesmo implica pensar nossa linguagem em termos de explicitação ou inferência, e em termos de implicitude ou práticas básicas regradas socialmente.

A luz deste expressivismo que implica um inferencialismo, o paradigma da expressão se torna “dizer algo” em termos de articulações inferências.

Assim, seremos guiados no primeiro momento de nosso trabalho pela seguinte pergunta: O que torna explícito nossa linguagem? Podendo ser recolocada da seguinte maneira: Com que nos comprometemos ao dizer algo com sentido, ou ao articular um inferência?

Já no segundo momento, a pergunta pertinente é: O que está implícito em nossas práticas linguísticas? Podendo, também, ser recolocada das seguintes maneiras: Qual é o fundamento de nossas práticas linguísticas? Qual a instância pré-conceitual e originária que fundamenta nossas práticas como usuários de linguagem?

Sobre a utilização que fazemos dos termos “explícito” e “implícito” de Brandom (2000; 2013). É interessante notar que, objetivamos com a utilização do termo explícito, esclarecer que nossos acordos e regras que pautam nossa linguagem são oriundos do fenômeno cultural e dinâmico em que o indivíduo está situado.

Já com a utilização do termo implícito, queremos destacar o âmbito pré-conceitual donde nossas práticas linguísticas originariamente advém, que se mostra como um âmbito essencialmente pragmático de trato ou lida com coisas que nos vem de encontro.

Vale ressaltar que, a divisão metodológica dos dois capítulos, marcados pelos dois termos brandomiano, não deve acarretar em um espécie de dualismo conceitual. Pois, nessa perspectiva o que se objetiva é tornar explícito, em uma forma específica de expressivismo pragmatista, o que está implícito em nossas atividades linguísticas. Em termos práticos, como diz Brandom: “(...) codificar algum tipo de saber como [*know how*] em uma forma de saber que [*know that*].” (Ibidem. 2000; 2013, p. 19)

Assim, com a adoção dos vocábulos “explícito” e “implícito”, tornamos manifesta nossa influência fortemente brandomiana (2000; 2013) para analisar Heidegger e Wittgenstein, assim como, algumas consequências desta análise tipicamente pragmatista da linguagem, como: i) A mente deixa de exercer o lugar fundamental da intencionalidade na aplicação de conceitos e aquisição de significados, para a linguagem, concebida como uma atividade regada pelos usos, exercer estatuto privilegiado. Atentando, assim, para como os seres de linguagem fazem uso de conceitos repletos de significados, demandando um saber prático (*know how*) que se desenvolve no treinamento e na iniciação em práticas linguísticas; ii) Uma vez nossa linguagem sendo entendida em seu aspecto prático, o significado deixa de se orientar por uma representação mental para se regar no uso cotidiano que torna explícito nosso caráter histórico e social; iii) Se desvencilhando do paradigma referencialista que pauta o significado na referência ou coisa, e de um paradigma representacional moderno que entende a mente como consumidora de representações, a posição pragmatista que norteia este trabalho deve mostrar que nossa linguagem é oriunda de um saber mais originário, através do *Sprachspiel* wittgensteiniano, e da intramundandade e abertura do *Dasein* no vetor de sentido *Zuhandenheit* na filosofia de Heidegger.

De maneira geral, os conceitos *Sprachspiel* e *Zuhandenheit*, nos indicam em comum um âmbito originário e pré-conceitual donde partem nossas atividades linguísticas. No primeiro conceito, temos a compreensão de que o uso de nossa linguagem descende de práticas regadas

por nossas formas de vida (*Lebensform*), que são manifestas e reproduzidas socialmente. No segundo, temos um âmbito pré-conceitual e holístico na qual o *Dasein* lida com coisas “disponíveis-à-mão”, donde compreendemos (*Verstehen*) tacitamente utensílios, que podem ser articulados a partir de nossa abertura e uso da linguagem.

Podemos dizer, respectivamente, que as duas primeiras consequências pragmatistas da abordagem da linguagem serão investigadas no segundo capítulo de nosso trabalho, e a terceira, em nosso terceiro capítulo.

Deste modo, nosso trabalho, a partir de uma postura pragmatista sobre nossa linguagem, visa levar em consideração caros conceitos das perspectivas de Wittgenstein e Heidegger para abordar o ambiente dinâmico, contingente e social que nossas práticas linguísticas explicitam, e, de onde implicitamente advém.

2. HEIDEGGER E WITTGENSTEIN CONTRA O REFERENCIALISMO

A pergunta que deve nos guiar neste capítulo é a seguinte: O que torna explícito nossa linguagem?

Através desta indagação ofereceremos bases ao decorrer de nosso trabalho para pensar o que está implícito quando produzimos um discurso significativo, isto é, uma instância mais originária a partir do *Sprachspiel* e *Zuhandenheit*, que é tema de nosso próximo capítulo.

De maneira geral, devemos deixar claro neste capítulo denominado “Heidegger e Wittgenstein contra o referencialismo”, porque nossa linguagem não necessariamente se pauta em uma referência e o significado em uma representação mental, mas, no uso ordinário que é determinado pelas contingências históricas e sociais nas quais estamos imersos.

Assim, dividimos nosso capítulo em dois tópicos fundamentais: i) Contra o paradigma da linguagem referencialista; ii) História e cultura: o que tornamos explícito em nossas práticas linguísticas;

2.1 Contra o paradigma da linguagem referencialista

Neste tópico expressaremos as seguintes recusas de nossos filósofos: Ao dizer algo, não necessariamente nos comprometemos com o objeto designado, nem com uma representação subjetiva que lhe possa competir. Para posteriormente, no segundo tópico, defendermos a tese de que: Nos comprometemos com práticas sociais que são culturais e históricas ao analisar o fenômeno da linguagem.

Esta tese de que devemos privilegiar o âmbito social e histórico ao analisarmos o fenômeno linguístico ou nossas práticas linguísticas, se mostra como uma tese de rigor assumidamente pragmatista. Parafraseando Brandom (2000; 2013), o pragmatismo linguístico consiste em “saber como se faz” uso de nossa linguagem na cotidianidade de nossas relações. (BRANDOM, R. 2000; 2013, p. 14)

Saber como (*know how*), identifica-se com uma explicação semântica notadamente descendente (*top down*), como diz R. Brandom: “As teorias semânticas pragmatistas adotam uma abordagem descendente, porque ela começa a partir do uso de conceitos e o que se faz com os conceitos é aplicá-los no juízo e na ação.” (Ibidem. 2000; 2013, p. 24)

Concepções pragmatistas da linguagem como as de Wittgenstein e Heidegger, oferecem uma explicação semântica que partem, primeiramente, de como utilizamos nossa linguagem dentro de um contexto social e cultural, formando, a partir daí, nossos juízos e crenças. O inferencialismo nesta perspectiva *top down* assume sua devida importância, já que, dizer algo (tornar explícito) no sentido de uma proposição afirmativa é dominar o uso das palavras dentro de um contexto e de um jogo.

Diferentemente, se apresenta uma semântica ascendente (*bottom up*) pautada no conceito de representação que endossa um paradigma referencialista do significado, diz R. Brandom:

Termos lógicos tradicionais são construídos de baixo para cima, oferecendo relatos primeiros dos significados dos conceitos associados com termos singulares e gerais, depois dos juízos construídos pela relação desses termos e finalmente das propriedades das inferências relacionando esses juízos. (BRANDOM, R. 2000, p. 23)

Em uma semântica *bottom up*, segundo Brandom (2000; 2013), um referencialista que pode endossa uma posição representacionalista do significado, precisa primeiro admitir estados de coisas existentes, para depois representar por via de sentenças declarativas termos singulares formando juízos e crenças. (Ibidem. 2000; 2013, p. 25)

É importante notar que, a mente se mostra como lugar fundamental nessa abordagem¹, pois a mesma é compreendida como condição necessária e suficiente para vinculação entre conteúdos mentais representados interiormente e conteúdos designados no mundo.

No entanto, existem problemas que engendram compreensões semânticas ascendentes do significado, sejam que se pautam em um referência ou no objeto portador do nome (paradigma referencialista), seja no conceito de representação, mediado por um perspectiva mentalista.

Alguns respectivos problemas são: O significado é garantido pela simples designação do objeto? Como teríamos acesso à representação subjetiva de alguém que diz ostensivamente: “Isto é uma cadeira!”? Mesmo que admitamos que criamos uma representação interna, por exemplo, de “cadeira”, esta representação garantiria os diversos usos que podemos fazer do conceito “cadeira” em nossa linguagem?

¹ Em contraposição a semântica descendente, que vê a linguagem como lócus fundamental da intencionalidade.

Wittgenstein e Heidegger, parecem recusar uma semântica *bottom up* pautada no conceito de representação e que endossa um paradigma referencialista do significado, ou melhor, colocam essas atividades conceituais e linguística em um âmbito menos fundamental.

Iniciando com Wittgenstein das *I.F.*, o clássico exemplo dos construtores nos parece mostrar alguns impasses acerca deste modelo referencialista:

[...] a linguagem deve servir para o entendimento de um construtor A com um ajudante B. A executa a construção de um edifício com pedras apropriadas; estão à mão cubos, colunas, lajotas e vigas. B passa-lhe as pedras, e na sequência em que A precisa delas. Para esta finalidade, servem-se de uma linguagem constituída das palavras “cubo”, “colunas”, “lajotas”, “vigas”. A grita essas palavras; - B traz as pedras que aprendeu a trazer ao ouvir esse chamado. (*I.F.* Wittgenstein. §2)

Neste modelo de linguagem primitiva descrita por Wittgenstein, percebemos que o ajudante B leva os objetos que aprendeu a levar quando são pedidos pelo construtor A. No entanto, como é possível B relacionar as palavras ‘cubo’, ‘coluna’, ‘lajota’ e ‘viga’ com as coisas? Não estaria B simplesmente reagindo a estímulos causados por A, tal como um papagaio que reage a cores vermelhas?

Para sermos mais precisos em nossa reflexão podemos refazer o problema da seguinte maneira, tal como uma semântica ascendente demanda: Os significados das palavras no discurso são garantidos pelos objetos que elas designam?

Numa acepção wittgensteiniana parece que não. A simples associação entre a palavra e o objeto não nos assegura nenhuma garantia determinada. (*I.F.* §6)

Resultando que, o significado poderia ser entendido como qualquer coisa, podemos imaginar uma ostensão feita por alguém, da qual não dominamos sua língua, que diz: “*Stuhl!*”. Ao apontar para o objeto “cadeira”, poderíamos pensar que o mesmo estaria significando sua cor (marrom), sua composição material (madeira), sua forma, e indeterminadas outras qualidades ou mesmo indeterminadas outras coisas.

Um outro problema oriundo deste paradigma designativo, seria o de pensar o que nos diferencia de animais não-humanos.

Se pensarmos o exemplo do papagaio que aprendeu a chamar vermelho quando lhe é apresentado algo de cor vermelha, parece, ao menos, que em seu comportamento ele repete o mesmo repertório do alemão que diz ostensivamente “*Stuhl!*”.

No entanto, parecemos considerar, um tanto cegamente, que a designação do alemão e daquele papagaio que responde confiavelmente a objetos de cores vermelhas são diferentes. Mas, por que isso acontece?

A designação de algo de cor vermelha pelo papagaio, assim como, a designação “*Stuhl!*” feita pelo alemão, ainda não nos permite saber o que os mesmos entendem por “vermelho” e “*Stuhl!*”. A resposta confiável a um estímulo e a referência a algo através de uma palavra como “*Stuhl!*”, ainda não garantem o domínio do conceito.

Portanto, não nos permitindo, ainda, fazer a distinção entre animal humano (faz uso de conceitos) e animal não humano (não faz uso de conceitos).

Decorrendo daí que, o estímulo e a designação de algo enquanto resposta, não garantem o uso de conceitos.

No entanto, deve haver algo a mais que torne o alemão um usuário de linguagem, e o papagaio um não usuário. Esse algo, como veremos, é a articulação de um conceito com outros conceitos, e o domínio de regras implícitas a um ambiente público e dinâmico.

Outro ponto importante desta problematização é acerca do projeto representacionalista moderno que pode ser motivado por este paradigma referencialista. Como diz R. Brandom em *Articulando Razões*:

O principal conceito de semântica e epistemologia iluminista, ao menos desde Descartes, era o de *representação*. A consciência era entendida em termos representacionais – seja sob a forma de percepção direta sobre as coisas representadas ou da percepção indireta do que se representa através de sua representação. (BRANDOM, R. 2000; 2013, p. 17)

De maneira geral, podemos dizer que a linguagem numa epistemologia moderna exerce um estatuto secundário, buscando privilegiar como o sujeito conhece coisas no mundo. A representação parece, como ressalta Brandom (2000; 2013), o conceito fundamental moderno para expressar como subjetivamente conhecemos. (Ibidem. 2000; 2013, p. 17)

Nossa mente sendo entendida como consumidora de representações, em linguagem kantiana, seria condição de possibilidade para asserir algo sobre o objeto apresentado empiricamente. No entanto, o que se quer dizer com isso?

Quando o ajudante B ouve o som da palavra “viga”, representaria ele uma imagem da viga em sua mente, para depois agir de acordo com o pedido do construtor? Ou como diz, de

maneira crítica, Wittgenstein: “Pronunciar uma palavra é como tocar uma tecla no piano da representação.”? (*I.F.* §6)

Outro problema consiste no seguinte. Mesmo que aceitemos que temos acesso a uma imagem mental de um objeto ao ouvir seu nome, como no caso da extensão do exemplo dos construtores, isto ainda não nos traz nenhuma garantia determinada do significado. Pois, quando ouço a palavra “lajota!”, esse som vocal², ainda não nos diz o que deve ser feito, já que a expressão “lajota!”, no sentido representacional, não torna explícito um contexto de imersão³. Podendo, assim, ser entendido como um crítica, uma ameaça, um pedido e etc.

Esses três problemas levantados acerca da representação mental, parecem incorrerem em embaraços, uma vez que, não temos acesso privilegiado a estados mentais de outros sujeitos. Nos parecendo que, toda nossa atividade linguística consiste em representar estados mentais que são, na realidade, privado e particular a um sujeito. Cabendo a consideração de que, a imagem mental produzida por um sujeito isolado em seu mundo particular, não garante o uso do conceito representado.

Este não é o caminho que Wittgenstein trilha em suas *Investigações Filosóficas*, pois, nossas práticas linguísticas devem tornar explícito a dinâmica dos jogos que são regrados pela cultura e práticas nas quais os usuários de linguagem estão engajados, como veremos no próximo tópico deste capítulo.

Outra maneira de enfrentar o paradigma da linguagem referencialista é através de Heidegger, que pensa, em *Ser e Tempo*, uma compreensão de linguagem debitária da estrutura existencial do ser-no-mundo (*Dasein*). Diz Heidegger: “A linguagem é o ser-expresso do discurso.” (*Ser e Tempo*. 1ª Seção. Cap. 5. §34. Pág.: 455)

Com isso devemos entender que, nossa linguagem expressa ou torna explícito o ser que somos, que é finito, intramundano, contingente, e histórico, como veremos mais adiante no próximo tópico.

Podemos dizer que, a designação objetificante, isto é, aquela que visa o objeto na para fundar o significado em nossa linguagem, não exerce *status* fundamental em sua ontologia existencial, diz Heidegger em *Ser e Tempo*:

² Não verbal, já que a instância verbal demanda a compreensão do contexto em imersão. No caso dos construtores, demanda o domínio do contexto da “construção civil”, onde o construtor A pede algo ao ajudante B.

³ Mas, um estado interno ou interior daquele que é afetado por estados de coisas na realidade.

O discurso é existencialmente linguagem, porque o ente cuja abertura ele articula conforme-a-significação tem o modo-de-ser do ser-no-mundo dejectado [*geworfenen*] [jogado], remetido ao “mundo”. (*Ser e Tempo*. 1ª Seção. Cap. 5. §34. Pág.: 455)

O ente, ou o objeto como no caso do referencialismo que expomos na crítica wittgensteiniana, deixa de ser o paradigma fundamental da linguagem, para que a constituição ontológica do *Dasein* possa assumir um estatuto primário.

A exterioridade (*Da*) do *Dasein*, além de constituir a estrutura do ser que somos, constitui um ponto fundamental nessa recusa do modelo que chamamos referencialista, uma vez que, remetido ao mundo o *Dasein* assume o caráter originário de ser-jogado (*Geworfenheit*), que compreende e interpreta cada contexto em que se está imerso.

Enquanto imersão, o *Dasein* em sua exterioridade, se mostra sempre na condição de projeto, isto é, na possibilidade ou na abertura de relacionamento de trato ou lida (*Umgang*) com coisas ao redor, se configurando um *know how* público e social.

Neste horizonte originário de significância, segundo Giacoia, é interessante notar que, não é estabelecida nenhuma relação de cognição, onde o mundo é posto como mundo representado por um sujeito de conhecimento. (GIACOIA, O. 2013, p. 72 e 73)

Todavia, nossa linguagem articula o que compreendemos originariamente nesta condição de jogados em circunstâncias ocasionais e contingentes (fáticas), na qual nos encontramos a cada momento neste horizonte pragmático, fazendo jus ao que Heidegger diz: “O discurso é a articulação significacional da entendibilidade [compreensão] do encontrar-se do ser-no-mundo.” (*Ser e Tempo*. 1ª Seção. Cap. 5. §34. Pág.:459)

Assim, compreende-se que, o fundamento de nossa linguagem assume um caráter dinâmico e não ôntico, isto é, não fundado no objeto, já que o significado e o sentido do que é dito não está aquém, mas, intrinsecamente relacionados com circunstâncias implícitas que são pré-conceituais.

Reinterpretando o exemplo dos construtores de Wittgenstein, dizemos que, o ajudante B agiria de acordo com os pedidos de A, não se relacionando de uma maneira misteriosa e oculta a A no contexto expresso da construção civil.

Isto é, criando uma representação interna de ‘viga’ para depois associar ao objeto exterior.

Mas, a significação “viga” articulada no discurso só faz sentido a partir da exterioridade e mundanidade do *Dasein* que se mostra como articulável por nossa linguagem. Entretanto, é em contato com outros *Dasein*'s, em um âmbito prático de uso, trato e lida com vigas e outros utensílios no contexto da construção civil, que compreendemos tacitamente a significância “viga” que advém ao discurso.

Por fim, o que se torna menos fundamental e o que se torna mais fundamental nessa recusa ao paradigma referencialista?

Torna-se menos fundamental: i) A primazia da referência como componente fundamental do significado, como abordado pelo próprio Wittgenstein do *Tractatus*; ii) Uma gama de conceituações teóricas e subjetivas como: ideias, afecções internas e imagens mentais produzidas por um sujeito, que conferem um caráter bastante intelectualista de entender a linguagem; iii) A compreensão da mente que cria representações do mundo, ao mesmo tempo, servindo como modelo para se pensar cognição.

Sobre o ponto ii e iii, um clássico exemplo moderno que nossa abordagem se mostra contra é Descartes, que de modo geral, pensa um sujeito em sua pacífica solidão, representando via intelecto/mente, coisas extensas no mundo. Nele, a verdade do *cogito* o separa, metodicamente, das coisas extensas e contingentes passíveis de engano. Transformando, o mundo, sempre em mundo representado por sua mente, que é causada por um Deus que é causa primeira, necessária e suficiente para toda e qualquer representação do mesmo.

Torna-se mais fundamental: i) Uma compreensão dinâmica e inferencial do significado, pautada no uso cotidiano e intramundano; ii) A distinção de seres usuários de linguagem de seres não usuários, pautada em critérios públicos; iii) A compreensão da mente e do pensamento como um fenômeno cultural, histórico, e socialmente regado.

Esta normatividade, ou obediência a regras, advém de nosso engajamento social em um mundo contingente que é considerado fundamental nessa abordagem. As normas ou regras, como veremos, são o que possibilitam pensar e dizer algo inferencialmente, isto é, tornando explícito em uma forma de expressivismo.

Enfim, o que se ganha com a adoção desta nova perspectiva sobre o fenômeno linguístico, assim como, algumas convergências entre o pensamento de Wittgenstein e Heidegger veremos neste próximo tópico, a partir da seguinte indagação fundamental: O que torna explícito o fenômeno linguístico?

2.2 **História e cultura: o que tornamos explícito em nossas práticas linguísticas**

Neste tópico nos encarregaremos de defender a tese de que: Nos comprometemos com práticas que são culturais e históricas ao fazer uso de nossa linguagem.

Com certeza, o título deste tópico oferece uma resposta ampla e direta à questão que estabelecemos como fundamental para nosso capítulo: O que torna explícito o fenômeno linguístico?

No entanto, devemos pensar com auxílio da metodologia pragmatista de Brandom, as implicações e comprometimentos normativos que o funcionamento de nossa linguagem estabelece quando em atividade. Podemos, assim, converter a questão fundamental deste tópico para a seguinte questão: Com que nos comprometemos ao dizer algo com sentido?

Além de objetivarmos compreender a atividade linguística de usuários de linguagem, imersos em uma cultura marcada pelo seguimento de regras e normas sociais, é necessário destacar o inferencialismo brandomiano⁴, que apresentamos como consequência direta da abordagem expressivista contida neste trabalho.

Em *Articulando Razões. Uma introdução ao inferencialismo* (2000; 2013), Robert Brandom destaca que: “[...] o que distingue especificamente as práticas discursivas das ações das criaturas não usuárias de conceitos é propriamente sua articulação inferencial.” (BRANDOM, R. 2000; 2013, p. 21)

De maneira geral, assumiremos que, tanto para Wittgenstein, quanto para Heidegger, inferir algo, ou articular uma inferência significativa, ou, ainda, tornar explícito um juízo e uma crença nos moldes *top down*, significa obedecer regras sociais e culturais em cada contexto de imersão.

Todavia, em sentido mais específico, que significa comprometer-se com regras a partir destes filósofos?

⁴ Vale notar que, o inferencialismo de R. Brandom deve nos colocar numa postura pragmática racionalista, uma vez que, inferir algo, para o filósofo estadunidense, é: “[...] dar lugar de destaque às práticas de oferecer e solicitar razões [...]”. (BRANDOM, R. 2000; 2013, p. 21) Oferecer esse “espaço de razão” como local de destaque de nossas práticas linguísticas, é um salto qualitativo bastante considerável em comparação as compreensões de práticas linguísticas de Wittgenstein e Heidegger, como o mesmo coloca em vários momentos de seu livro *Articulando Razões*. Notado que, o inferencialismo brandomiano proporciona um certo *upgrade* nas propostas pragmatistas semânticas de Wittgenstein e Heidegger, nos deteremos a pensar um inferencialismo mais básico (não forte), como elemento fundamental às perspectivas dos filósofos. (Ver: *Articulando Razões*, págs.: 21, 22 e 35)

2.2.1 Wittgenstein e a prática de seguir regras

Wittgenstein em sua celebre obra *Investigações Filosóficas* (1953), atenta cada vez mais para o caráter público de nossa linguagem. Se desvencilhando, assim, de sua posição essencialista de pensar a linguagem no interior do *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921).

Nas *I.F.*, nossa linguagem não teria uma “essência incomparável”, como uma forma lógica, que é o que possibilitaria a relação harmoniosa entre a proposição inferida e o espaço lógico da qual era composto o mundo.

Diz Wittgenstein, recolocando a questão fundamental de sua filosofia renegada do *Tractatus*: “O pensamento está rodeado de um nimbo. – Sua essência, a lógica, representa uma ordem, e na verdade a ordem a priori do mundo, isto é, a ordem das possibilidades que deve ser comum ao mundo e ao pensamento.” (*I.F.* Wittgenstein. §97)

Nesta nova etapa de sua filosofia, a lógica formal, tal como entendida no *Tractatus* perde seu caráter fundamental, passando a pensar em termos de regras ou normas, como aquilo que está implícito à nossas atividades linguísticas.

De forma que, iniciar-se em práticas linguísticas deve demandar o domínio de regras e normas implícitas a cada contexto, demandando, para isso, um treinamento.

Curiosamente, saber como os usuários de linguagem as utilizam na cotidianidade, nos remete a uma aprendizado da linguagem mais inicial e gestativo, o da criança.

Nesse aprendizado da linguagem (ou treinamento), um adulto mostra objetos, pronuncia palavras chamando a atenção da criança para seu uso, e a mesma repete. Diz Wittgenstein: “O ensino da linguagem não é aqui nenhuma explicação, mas sim, um treinamento”. (*I.F.* §5)

Vamos, nesse momento, nos permitir uma experiência com o pensamento para compreendermos melhor a atividade da linguagem, que é um dos cernes deste trabalho.

Imagine que queiramos ensinar uma criança a significação da palavra “cadeira”.

Chamando a atenção da criança ostensivamente dizemos “cadeira!”, e ela repete olhando para o objeto. Uma pergunta: teria ela aprendido a significação da palavra cadeira assim?

Pragmaticamente parece que não. A simples associação entre a palavra e o objeto não nos assegura, ainda, nenhuma garantia determinada do significado em nossa linguagem, tal como explanamos no tópico anterior.

Agora imaginemos que, em outro momento vemos a criança lidando com a cadeira com a finalidade de sentar, pôr seu urso sentado para alimenta-lo, enfim, imersa no jogo que aprendeu observando os adultos.

Nesse momento, nos parece que a criança aprendeu mais sobre a significação “cadeira” do que naquele outro momento da ostensão. Mas, por quê?

Nos parece haver nesse processo ou jogo, uma espécie de compreensão tácita da significação “cadeira”, que extrapola todo ensino ostensivo, e que mais tem a ver com o jogar e o seguimento de regras que foi aprendido observando outros jogadores. Diz Wittgenstein: “Aprende-se o jogo observando como os outros jogam.” (*I.F.* §54)

De maneira geral, a significação “cadeira” que emerge do jogo de linguagem, fundamentalmente consiste em seguir regras que são reproduzidas na história e na cultura que usuários de linguagem encontram-se cada vez mais envolvidos.

Desta perspectiva wittgensteiniana, podemos retirar algumas considerações que entendemos como seminais na justificação de nossa tese de que: Nos comprometemos com práticas sociais que são culturais e históricas ao fazer uso da linguagem. São elas:

- i) As regras ou normas que obedecemos ao fazer uso de nossa linguagem não são inerentes às coisas no mundo (realismo metafísico), tampouco são elas algo que seguimos subjetivamente, portanto, privado. Wittgenstein estabelecendo a linguagem como lugar fundamental da intencionalidade, acredita serem elas, produzidas e seguidas dentro do próprio jogo de linguagem. (*I.F.* §53 e 54) O que equivale à expressão heideggeriana: “Não jogamos porque há jogos, mas o inverso: há jogos porque jogamos.” (*Introdução à filosofia*, p. 332). Podemos reinterpretar as regras em Wittgenstein com os seguintes acréscimos: Não jogamos porque há “regras”, mas o inverso: há “regras” porque jogamos. De fato, para Wittgenstein e Heidegger como veremos, as regras emergem do jogar contextual no mundo, logo, socialmente.
- ii) O uso efetivo da linguagem, torna explícito nossos compromissos com regras implícitas as nossas atividades práticas, logo, explicitando nossa ligação fundamental com nossa história e cultura.

Contudo, podemos pensar da seguinte maneira. Ao fazer uma inferência material ou uma proposição afirmativa na qual nos comprometemos com sua verdade e o domínio de sua regra, do tipo: “A cadeira que está em minha frente é azul”. Estamos, também, nos comprometendo com conteúdos implícitos a asserção, isto é, tudo aquilo que não nos comprometemos explicitamente⁵, tais como: A cadeira que está em minha frente não é vermelha; Não é uma nota musical; Não é uma bicicleta; e etc.

Esta prática, ou articulação inferencial, tal como compreende Brandom, diferenciam usuários de linguagem de não usuários.

Neste contexto wittgensteiniano que expomos, e posteriormente em Heidegger, percebe-se que fazer uso da linguagem demanda mais que fitar uma referência e representa-la em um discurso de maneira ascendente. Demanda muito mais que isso.

Demanda uma articulação mais complexa e dinâmica, que nós, uma vez compartilhando de uma forma de vida cultural e histórica nos comprometemos desde nascimento a cada contexto de imersão.

No entanto, como ressalta Brandom, o expressivismo que assume como seu paradigma o “dizer alguma coisa” (inferencialismo), se mostra como alternativa seminal para pensarmos convergências entre esses filósofos. (BRANDOM, R. 2000; 2013, p. 24)

Ele na medida que torna explícito nosso engajamento e compromissos com práticas sociais regradas, também pensa nosso conteúdo inferencial⁶ como articulado com outros conteúdos implícitos, admitindo, por exemplo, um quadro de incompatibilidades como colocado anteriormente.

Ao pensarmos nossa linguagem em termos de inferências (proposições) que destacam nosso comprometimento com o conteúdo expresso, que são expressões de nosso engajamento social. É válido notar que, o dinamismo de nossas articulações inferenciais implicam um certo holismo semântico que pode nos possibilitar compreender tanto o fenômeno linguístico em Wittgenstein, quanto em Heidegger. Sobre este holismo, diz Brandom:

Em uma abordagem inferencialista do conteúdo conceitual, não pode haver *qualquer* conceito a menos que haja *muitos* conceitos, pois o conteúdo de cada conceito é articulado por suas relações inferenciais para com outros conceitos. (Ibdem. 2000; 2013, p. 27)

⁵ Com isso, também podemos pensar no conjunto de regras que não nos comprometemos ao inferir: “A cadeira que está em minha frente é azul”. Ou seja, ao justificar com o que não nos comprometemos, também estamos, tacitamente, justificando o comprometimento com uma regra e não com outras.

⁶ Conteúdo expresso na inferência.

Desta forma, uma proposição em seu conteúdo conceitual e expresso comprometimento nunca é compreendida de maneira isolada, mas, sempre em relação com outras proposições e conteúdos implícitos. Como diz, criticamente, Brandom através de uma metáfora: “De um ponto de vista cognitivo, o domínio de um único conceito é como um som do aplauso feito por apenas uma mão.” (Ibidem. 2000; 2013, p. 63)

Enfim, endossar um holismo semântico nessa compreensão da linguagem, é reafirmar, como veremos, o dinamismo de nossas práticas mais básicas que nunca se apresentam como práticas isoladas no jogo de imersão como as coisas e outros.

2.2.2 Heidegger e o seguimento de regras

Como vimos, a partir de Wittgenstein nesta peculiar interpretação pragmatista, nossas práticas inferenciais devem tornar explícito nosso comprometimento com regras dentro de um jogo contingente e social. Desta perspectiva, notamos também, as implicações e comprometimentos implícitos normativos que uma inferência do tipo: “A cadeira da sala é azul”, nos demanda saber em termos de articulação, implicações como: “Logo, não é vermelha, não é uma arvores, não é uma bicicleta...”, logo o domínio de outras regras implícitas ao jogo social.

Assim, a partir desta perspectiva inferencialista, tornamos explícito através de nossa linguagem, nossos comprometimentos com regras implícitas às nossas práticas.

Segundo a análise pragmatista assumida em nosso trabalho, em Heidegger, o inferencialismo que pensamos como convergente com Wittgenstein, não tende a se diferir, ao menos em sua finalidade (tornar explícito nosso comprometimento com regras sociais).

Entretanto, para chegar a essa conclusão acerca do inferencialismo, devemos agora relembrar a pergunta que motivou a defesa de nossa tese: que significa se comprometer com regras para Heidegger?

Para pensar a importância desta pergunta, iremos evocar agora alguns conceitos que Heidegger discorre nas lições de 1928/29, denominada de *Introdução à filosofia*, afim de nos proporcionar uma visão mais específica, e ao mesmo tempo, mais ampliada sobre o fenômeno da linguagem empreendida já em *Ser e Tempo*.

No início do segundo capítulo, da segunda seção de sua *Introdução à filosofia*, Heidegger aponta que: “*Dasein* não significa nada senão ser-no-mundo”. (*Introdução à filosofia*. p. 324) Ao retomar essa significação usual em muitas passagens de *Ser e Tempo*, Heidegger quer atentar para a incisividade nada óbvia de uma questão, que a partir de então

ganhará uma forma diferente de trato ao decorrer da segunda parte da preleção. Isto é, a questão da transcendência, e mais propriamente, a transcendência como jogar originário do *Dasein*, entendido como ser-no-mundo.

Diz Heidegger: “Transcender significa ser-no-mundo”. (*Introdução à filosofia*, p. 326)

A partir dessa indicação, o filósofo atenta que a transcendência manifesta-se no acontecimento da diferença ontológica, ao mesmo tempo que, transcendência não significa conhecimento epistêmico e nenhum saber teórico, mas, conhecimento ontológico ou saber prático, diz Heidegger:

O ser-aí ultrapassa o ente de tal modo que somente nessa ultrapassagem ele pode se comportar em relação ao ente, portanto, somente assim ele pode se comportar também em relação a si mesmo como ente, isto é, pode se relacionar consigo mesmo, pode ser um si próprio. (*Introdução à filosofia*, p. 326)

Assim, com este novo conceito de transcendência que se mostra de mãos dadas com o caráter originário da diferença ontológica⁷, Heidegger insiste que, a compreensão desse ser transcendente se torna inviável de um ponto de vista sólido de categorias formadas e ônticas, especificamente por que a transcendência assume um caráter dinâmico de jogo.

É sob esse caráter de jogo (*Spiel*), que nosso trabalho deve versar agora.

Os jogos são compreendidos pelo filósofo de maneira ampla, utilizando-se das palavras do filósofo Wittgenstein, podemos dizer que, o jogo em Heidegger é um “conceito com contornos imprecisos” (*I.F.* §71). Uma vez que, os mesmos implicam uma compreensão contingente e dinâmica de nossa existência. No entanto, o filósofo faz algumas indicações características deste jogo, que são considerados “jogos fáticos”.

Ao acentuar que os jogos não assumem um caráter aparente e ficcional em oposição à realidade, o filósofo destaca que, no âmbito fático da existência, jogo e realidade se entrelaçam, ou melhor, no mundo em que estamos imersos não existe sequer essa diferença. (*Introdução à filosofia*, p. 333)

“Mundo”, diz Heidegger, é propriamente o título do jogo que o *Dasein* enquanto ser transcendente joga. (*Introdução à filosofia*, p. 333)

⁷ De maneira geral, a diferença ontológica pode ser caracterizada pelo entrelaçamento de dois conceitos, ser e ente. Podendo ser expressa da seguinte maneira: O *Dasein* na medida que é um ente ou algo presente no mundo, tem uma abertura para compreensão do “ser” que “é”, assim como, uma abertura para compreender o ser das coisas que lhe vem de encontro em sua mundanidade.

Assim, segundo Heidegger, jogo assume dois significados: “Em primeiro lugar, jogo quer dizer jogar, mas jogar no sentido da realização do jogo; Em segundo lugar, designa o todo de um conjunto de regras de acordo com as quais um jogo é realizado.” (*Introdução à filosofia*. p. 331)

Para pensar a questão que estabelecemos como fulcral neste sub-tópico: Que significa seguir regras? Devemos discorrer sobre o fenômeno do jogo como jogar, para depois pensarmos sobre o seguimento de regras.

É interessante notar que a noção de jogo nunca é compreendida por si mesma, como diz Heidegger: “Não jogamos porque há jogos, mas o inverso: há jogos porque jogamos (...)”. (*Introdução à filosofia*. p. 332)

Assim, jogo está sempre relacionado ao jogar, no sentido de sua realização⁸.

Embora os dois significados expostos por Heidegger sobre o jogo sejam fundamentais para sua compreensão, nenhum deles apanha inteiramente o caráter essencial do jogo.

No jogo há mais que obedecer regras, diz Heidegger. (*Introdução à filosofia*. p. 331) Mas, o que isto significa?

Para tanto, devemos entender o que são regras, ou mais, que significa obedecer essas regras ao jogar. O filósofo nos faz algumas indicações:

- i) Jogar é um acontecimento livre. E, na liberdade deste acontecimento, o *Dasein* se vincula a regras. Como diz Reis, ao pontuar sua influência kantiana: “Somente a liberdade possibilita a vinculação à regras”. (REIS, R. R. 1999, p. 6)
- ii) No jogar as regras são formadas. Esta formação de regras, assim como, o seguimento de regras se dão em âmbitos particulares, ou “em um tal acontecer regrado”. (*Introdução à filosofia*, p. 332)
- iii) Obedecer regras significa primariamente jogar. Nesse jogar com a existência, formam-se e transformam-se regras que são variáveis ao jogar. (*Introdução à filosofia*, p. 332)

⁸ O que equivale ao que dissemos no caso das regras que emergem dos jogos de linguagem de Wittgenstein. Os jogos não são coisas no mundo, tampouco algo subjetivo, eles emergem da própria exterioridade essencial ao *Dasein*.

Nesse jogo fático que estamos imersos, somos cada vez mais, frutos deste processo existencial que, segundo o filósofo, “se reproduz de maneira fática na história” tal como a “convivência” nos mostra. (*Introdução à filosofia*, p. 329)

Sobre jogar e seguir regras damos exemplos. No contexto de lida com coisas, lidamos (jogamos) livremente com sapatos, por exemplo, calçando-os, guardando-os, subindo escadarias e etc. Outrora, retiramos o sapato desta condição de coisa (utensílio) ou de objeto de lida prática, quando o pintamos em uma tela, mostrando ali naquela obra de arte uma certa abertura de mundo⁹, como o caso dos “sapatos do camponês” de Van Gogh. Inúmeros são os casos, a ciência, por exemplo, onticamente obedece e transforma suas regras no curso da história para conhecer seus objetos de estudos e etc.

No entanto, uma pergunta deriva ainda desta: Que significa seguir regras? Seguir uma sequência mecânica de ocorrências?

Para o filósofo, não (*Introdução à filosofia*, p. 332). Sendo as regras debitárias do jogar, e entendendo Heidegger o jogo como o conjunto de regras fáticas variáveis ao jogo, ao jogar obedecemos regras particulares ao jogo, mas, sabendo que as mesmas são variáveis ao jogar. Não se tratando, assim, de regras fixas e invariavelmente mecânicas. (*Introdução à filosofia*, p. 332)

Ora, se a transcendência assume um caráter de jogo, e jogo é entendido aos moldes do jogar, então, transcendência é a compreensão expressa da realização de um jogo em que a existência em seu caráter de ser jogado-no-mundo se encontra e se realiza. (*Introdução à filosofia*, p. 333 e 334)

Isto é, a transcendência como condição existencial do *Dasein*, que se mostra na própria diferença ontológica, compreende cada contexto de imersão, assim como, as regras implícitas a cada contexto.

Sobre estas considerações sobre o jogar e o seguimento de regras é interessante notar que, ser-no-mundo ou pôr a existência em jogo nada mais é que imersão social, e engajamento em práticas livres mediadas por regras reproduzidas socialmente no curso da história.

Estas regras ou conjunto de regras são características de nossa existência ou forma de vida, tendendo elas a mudar a cada contexto de imersão do *Dasein*.

⁹ Em suma, como pensa o filósofo em sua preleção *Origem da obra de arte* (1977).

Pense no *know how* de calçar sapatos, na qual atribuímos sentido ao ente disponível à mão no vetor de sentido *Zuhanden*¹⁰.

Esta significância tácita só se torna possível mediante o seguimento de regras instituídas e reproduzidas socialmente, tal como a convivência com outros *Dasein's* (*Mitdasein*) nos mostra de maneira avaliativa, como: correta, incorreta, apropriada, inapropriada e etc. Como diz R. Brandom em seus *Ensaio histórico da metafísica da intencionalidade* (2002):

Os significados funcionais que definem as coisas como *mhanden* são significâncias normativas. Isto é, os papéis práticos que alguns itens podem ser levados a desempenhar (de acordo com a disposição de responder a ele de maneiras específicas) já ocupando um espaço comportamental que admitem avaliações em dimensões práticas, como: apropriadas/inapropriadas, corretas/incorretas, e, bem sucedido/mal sucedido. (BRANDOM, R. 2002, p. 76, tradução nossa¹¹)

Desta forma, também podemos pensar nossos conteúdos inferenciais, como articulações de nossa imersão em contextos variados, uma vez que, como diz Heidegger: “[...] o *Dasein* se expressa na linguagem.” (*Introdução à filosofia*. p. 329)

De maneira geral, fazendo uso da linguagem, o *Dasein* torna explícito sua constituição ontológica de jogado no mundo¹², entendendo jogado (*geworfenen*) aqui, como um ser que se vincula livremente a regras instituídas socialmente.

Logo, podemos compreender¹³ que, para Heidegger, fazer uso da linguagem mediante um contexto, torna explícito nosso engajamento com práticas normatizadas socialmente.

Por fim, o expressivismo nos parece a alternativa pragmatista mais confiável no que concerne pensar convergências entre Wittgenstein e Heidegger.

Uma vez que ele, na medida que nos oferece articulações de conteúdos conceituais com conteúdos tácitos à dinâmica regrada do jogar na qual nos comprometemos, nos possibilita também, uma alternativa prática na defesa de nossa tese de que: Nos comprometemos com práticas sociais que são culturais e históricas ao analisar o fenômeno da linguagem.

¹⁰ Sobre o vetor de sentido *Zuhanden*, exploraremos mais adiante no próximo capítulo, afim de indicar a dimensão pragmática como o que está implícito às nossas práticas inferenciais.

¹¹ “The practical functional significances that define things as *mhanden* are normative significances. That is, the practical roles that some item can be taken to play (accordingly as one is disposed to respond to it in specified ways) already occupy a behavioral space that admits of assessments along such practical dimensions as proper/improper, correct/incorrect, and successful/obstructed.” (BRANDOM, R. 2002, p. 76)

¹² Tal como colocamos no primeiro tópico deste capítulo, acerca da crítica de Heidegger contra o referencialismo.

¹³ A partir da descrição do fenômeno linguístico em *Ser e Tempo*, e da compreensão de ser-no-mundo como jogo originário da existência que se veicula à regras (*Introdução à filosofia*).

Neste próximo capítulo, indicaremos brevemente as dimensões dinâmicas e públicas que estão implícitas ao funcionamento de nossa linguagem, tal como Wittgenstein e Heidegger, respectivamente compreendem, através dos conceitos: *Sprachspiel* e *Zuhandenheit*. O primeiro interliga-se a nossa forma de vida (*Lebensform*), o segundo interliga-se a abertura pragmática e intramundana constituinte do *Dasein*.

3. *SPRACHSPIEL* E *ZUHANDENHEIT*. O QUE ESTÁ IMPLÍCITO EM NOSSAS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS

No capítulo anterior, apresentamos uma contraposição ao modelo referencialista de pensar a linguagem, através da seguinte tese: Ao fazer uma inferência, não necessariamente nos comprometemos com uma referência, nem com uma representação subjetiva que lhe possa competir, mas, nos comprometemos com práticas sociais ao fazer uso da linguagem.

Endossamos, assim, que o fenômeno linguístico torna explícito nosso comprometimento com práticas regradas, oriundas de nossa imersão na história e na cultura.

No entanto, se a pergunta que motivou nosso capítulo anterior foi: O que torna explícito nossa linguagem?

E apontamos, a partir dela, nosso engajamento com práticas sociais regradas pela história e a cultura como defesa da tese. Devemos, agora, pensar a partir da seguinte questão: O que está implícito em nossas práticas linguísticas nesse contexto amplo de imersão cultural e histórica?¹⁴

Sabemos que nossa linguagem ou nossos compromissos discursivos, nessa abordagem brandomiana, não deixa de se colocar essencialmente como um “compromisso de atuar”. (BRANDOM, R. 2000; 2013, p. 97) Um *know how* regrado socialmente, tal como defendemos nas perspectivas de Wittgenstein e Heidegger, e na tentativa de pensar convergências entre os filósofos.

Não para além das investigações que partiram da primeira questão, e que motivou nosso segundo capítulo, indicaremos rapidamente o *know how* originário que nos servimos ao se comprometer com uma inferência material do tipo: “A mesa de meu quarto é marrom. Logo, não é azul...”

Esse “*know how* originário” identificaremos nas perspectivas de nossos filósofos como instância originária, donde nossa linguagem encontra-se intrinsecamente interligada, denotando de maneira fulcral o solo áspero em que se pautam nosso conteúdo inferencial.

Sobre o uso do termo “originário” (*Ursprünglich*), bastante utilizado por Heidegger em *Ser e Tempo*, e que utilizamos nesse trabalho. É interessante notar, como diz Inwood (1999),

¹⁴ Esta segunda questão não se mostra dissociada da primeira, uma vez que, o que está implícito a nossa linguagem, nada mais é que, um aprofundamento pragmatista daquilo que nossa linguagem torna explícito. Em outras palavras, se tratando de um âmbito pré-linguístico ou originário, donde nossa linguagem se fundamenta.

que o uso do mesmo quer denotar algo primordial, primeiro, natural, primevo e/ou histórico, nunca no sentido de originalidade (inovação). (INWOOD, M. 1999, p. 81)

Em outras palavras, quando falamos em “práticas originárias”, queremos denotar nossas práticas mais básicas, como: andar, calçar, sentar, brincar, pintar e etc. Assim, quando dizemos que algo é originário, dizemos que ele não está para além de nossas relações mais básicas e fundamental no mundo.

De maneira geral, se perguntar sobre o que está implícito em nossa linguagem, é perguntar o que a fundamenta.

O fenômeno linguístico é marcado por atividades e manuseio de coisas que nos rodeiam. Indicando em comum, em Wittgenstein e Heidegger, um âmbito contingente e prático, donde todo conhecimento científico, por exemplo, originariamente advém.

Como ressalta Heidegger em *Ser e Tempo*, acerca da ingenuidade da pesquisa científica em demarcar domínios de coisas (objetos), sem se atentar/perguntar para/pela anterioridade ontológica do solo, que chamamos, prático e originário, que primariamente a constitui:

A pesquisa científica efetua, ingênua e toscamente, a demarcação e a primeira fixação dos domínios de coisas. A elaboração do domínio em suas estruturas-fundamentais já é levada a cabo de certo modo pela experiência e pela interpretação pré-científica do âmbito-do-ser dentro do qual o domínio-de-coisa é ele mesmo delimitado. (*Ser e Tempo*. §3, p. 51)

Ou como no caso de Wittgenstein nas *Investigações*, que atenta para nossa forma de vida (*Lebensform*) variável e contingente, na qual nossas atividades, práticas linguísticas e cognição se arraigam. (*I.F.* §19 e §23)

Embora seja tentador e, ao mesmo tempo, um grande desafio, buscar compreender a ultrapassagem de uma forma de conhecimento mais originário e básico, para um conhecimento mais elaborado como o científico, nos deteremos, tão somente, em fazer breves considerações acerca deste solo áspero e pragmático que está implícito em nossas práticas linguísticas mais cotidianas.

Os conceitos que nos deteremos para expressar esse solo pragmático, que chamamos de originário à nossa linguagem, nas perspectivas de Wittgenstein e Heidegger, respectivamente são: *Sprachspiel* e *Zuhandenheit*.

Sobre o *Sprachspiel* ou jogo de linguagem, Wittgenstein aponta-o em suas *Investigações* como: “(...) o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada.” (I.F. §7)

Para Wittgenstein, linguagem e atividades devem ser pensadas como instâncias interligadas, pois, nossa linguagem observada em seu “uso”, está imersa em uma atividade prática mais básica. Assim, podemos pensar que, o significado da palavra “mesa” concebida a partir de seu uso, se mantém interligada ou advém de nossas atividades práticas e pré-conceituais com este utensílio em determinados contextos sociais.

Todavia, essa relação entre conteúdo conceitual expresso pelo uso linguístico, e âmbito pré-conceitual, não se mostra tão evidente, tampouco, dissociável. Como diz Stern acerca do parágrafo 7 (sete) das *Investigações*:

Wittgenstein concebe aqui linguagem e atividades em um sentido amplo, que inclui não apenas a pronúncia de palavras e os movimentos dos membros, mas que cobre também muito daquilo que nós costumamos considerar seu entorno: amplos modelos de ação, o equipamento utilizado (como modelos de cores e blocos) e mesmo os locais em que as atividades em questão ocorrem. (STERN, D. 2012, p. 142)

Certamente, como aponta Stern, essa relação ou ligação¹⁵ se mostra possível devido ao amplo alcance da palavra *Spiel* no alemão, que pode denotar tanto a significação de jogo que concebemos usualmente em português, como performance ou desempenho, isto é, interação com coisas ao redor para o divertimento, aprendizado ou lida mesmo. (STERN, D. 2012, p. 142)

Assim, buscaremos indicar nesse momento essa interação pragmática com coisas em contextos variados, que está alicerçada no conceito amplo *Sprachspiel*.

No que toca o conceito heideggeriano *Zuhandenheit*, que pode ser traduzido como “disponibilidade de coisas à mão”, o filósofo da floresta negra determina como: “O modo-de-ser de instrumento, em que ele se manifesta em si a partir de si mesmo (...)” (*Ser e Tempo*. 1ª Seção. Cap. 3. §15. Pág.:213)

Este modo de ser do instrumento, como vimos, é pensado como significado dentro de um contexto social que o *Dasein* está imerso. O contexto social é o que possibilita relacionarmos com uma coisa enquanto coisa utilizável. Logo, sujeito a avaliações de outros usuários imersos no mesmo contexto.

¹⁵ Entre linguagem e atividades.

Vale notar que, este contexto (primado social), bastante marcado em nosso trabalho, advém, mais uma vez, de Brandom (2002), que reforça sua abordagem sobre Heidegger com a tese de autoridade pragmatista, que diz: “A tese de autoridade pragmatista tomará as distinções criteriosas entre categorias ontológicas como sendo de natureza social [...]” (BRANDOM, R. 2002, p. 301, tradução nossa¹⁶)

Do ponto de vista da utilidade o *Dasein* que somos, manuseia coisas ao redor, mantendo-se ocupado nessa relação originária, logo, não teórica, de trato ou lida com coisas.

Sendo interessante notar, como veremos brevemente, que nesse vetor pragmático de significância, o *Dasein* se mantém aberto a uma “remissão” holística com outras coisas ao redor, como por exemplo: O martelo que acerta o prego com uma determinada finalidade, tem uma relação remissiva com a madeira, que por sua vez, tem uma relação com a construção de uma porta, e que tem relação com tais e tais utensílios ao redor.

Diz Brandom: “Esta totalidade holística de compromissos materiais, práticos e normativos Heidegger chama de ‘mundo’.” (Ibidem. 2002, p. 76, tradução nossa¹⁷)

Nossas inferências materiais, que destacam um quadro de compatibilidades e incompatibilidade, não diferentemente da abordagem wittgensteiniana, se mantém interligada a essas relações práticas com coisas¹⁸. Portanto, nossa linguagem, em Heidegger, deve ser pensada, também, a partir do “uso” contextual que interliga-se intimamente com nossos compromissos materiais com coisas ao redor.

Heidegger atenta, ainda, que nossa linguagem cuida de articular, através da interpretação (*Auslegung*) o que se mostra como articulável em nossa “compreensão originária” de ser-jogado-no-mundo. (*Ser e Tempo*. 1ª Seção. Cap. 5, §34. Pág.:457)

No entanto, qual a relação entre a condição existencial do *Dasein*, a compreensão, e o fenômeno linguístico, que se mostra como um fenômeno que admite implicitamente esses momentos? Sobre esta questão, faremos uma breve exposição mais à frente.

Para falar daquilo que está implícito a nossa linguagem, isto é, a intramundandade do *Dasein* e sua abertura existencial para lidar com coisas que lhe são disponíveis à mão

¹⁶ “The pragmatist about authority will take the criterial distinctions between ontological categories to be social in nature [...]” (BRANDOM, R. 2002, p. 301)

¹⁷ The holistic totality of such practical normative equipmental involvements Heidegger calls "the world." (BRANDOM, R. 2002, p. 76)

¹⁸ Envolvendo também todo um contexto de envolvimento com outros *Dasein's* (*Mitdasein*).

(*Zuhanden*), devemos também abordar o que o filósofo entende por compreensão (*Verstehen*). Haja vista que, para Heidegger, é a compreensão originária das coisas que o rodeia no mundo, que torna possível uma interpretação linguística determinada (*Auslegung*) ou simplesmente uma inferência. (*Ser e Tempo*. 1ª Seção. Cap. 5, §34. Pág.:454 e 455)

3.1. *Verstehen e Zuhandenheit*

Sabemos que *Dasein* significa ser-aí¹⁹, e como diz Heidegger: “Existindo o *Dasein* é o seu ‘aí’(...)” (*Ser e Tempo*. 1ª seção. Cap. 5, §31. Pág.: 407) Ou seja, o *Dasein* é sua exterioridade e mundanidade.

É no jogo essencial do mundo, isto é, naquela totalidade holística de compromissos materiais e fáticos, que nos constituímos como seres existentes. E ultrapassamos, assim, o ente que somos, através da “compreensão originária” desse jogo fático.

Existir significa compreender (*Verstehen*) de imersão. Assim, Heidegger alerta do que não se trata essa compreensão:

No discurso ôntico, empregamos às vezes a expressão “entender disso” no sentido de “poder enfrentar uma dificuldade”, “estar à sua altura”, “poder algo”. Aquilo que se pode no entender (*Verstehen*) [compreender] como existenciário não é um quê, mas o ser como existir. (*Ser e Tempo*. 1ª seção. Cap. 5, §31. Pág.: 407 e 409)

Desta forma, a compressão originária desse existir, não se trata de uma compreensão nos moldes do conhecer/entender teórico de uma área específica ou de uma classe de objetos, tal como faz a ciência.

Compreender de imersão ou compreender ‘o ser como existir’ se trata de um âmbito prévio e tácito que o jogar enquanto existir põe em movimento desde nascimento na relação íntima com o ambiente imerso²⁰. Como diz Heidegger, acerca de seu projeto analítico de *Ser e Tempo*: “É no próprio *Dasein* e assim em seu próprio entendimento-do-ser que reside o que mostraremos como a reverberação ontológica do entendimento-do-mundo sobre a interpretação-do-*Dasein*.” (*Ser e Tempo*. Introdução. §5. Pág.: 71)

¹⁹ Ou, ser-no-mundo. Isto é, ser que está em jogo.

²⁰ Giacoia ressalta, em seu livro introdutório *Heidegger Urgente*, que essa compreensão originária do *Dasein*, enquanto, ser-no-mundo, funda *Ser e Tempo*. (GIACOIA, O. 2013, p. 76)

Contudo, quando articulamos uma inferência do tipo: “A mesa que está em minha frente é marrom e de madeira, portanto, não é de plástico, ou uma cadeira...” articulamos por meio do uso de nossa linguagem²¹ uma interpretação possível e passível de correção, que previamente compreendemos no jogo de imersão com as coisas.

Assim, Heidegger salienta que essa compreensão é mais originária que a interpretação que determina uma compreensão possível na relação dinâmica de imersão no mundo. (*Ser e Tempo*. 1ª Seção. Cap. 5. §32. Pág.: 71)

O conceito de “mundo” de Heidegger, como brandomianamente interpretado, se configura como a totalidade holística de compromissos práticos (BRANDOM, R. 2002, p. 76). Segundo Heidegger, esses compromissos práticos que mantemos na dinâmica do existir, se mostram interligados com a compreensão quando: “O utilizável (*Zuhandene*), como tal, é descoberto em sua utilizabilidade (*Dienlichkeit*), sua empregabilidade (*Verwendbarkeit*) e sua nocividade (*Abträglichkeit*).” (*Ser e Tempo*. 1ª seção. Cap. 5, §31. Pág.: 411)

Contudo, podemos dizer que *Verstehen* interliga-se essencialmente a dinâmica existencial do *Dasein* de lidar com coisas no vetor pragmático *Zuhandenheit*.

Uma vez o utensílio disponível à mão, não se revela, ele, de modo algum ausente de significância tácita deste compreender que, inclusive, é condição para avaliar uma prática como apropriada ou inapropriada.

Por exemplo, ao lidarmos com a mesa enquanto utensílio, a mesma se encontra como disponível de significância social, fruto de nosso engajamento em práticas culturais. Estando, por sua vez, nossas práticas, passíveis de avaliação à outras compreensões possíveis do mesmo item em contexto com outros *Dasein's* (*Mitdasein*).

Os outros *Dasein's* (*Mitdasein*), ou a relação com outros seres como nós, contribui fundamentalmente para a significância de coisas ao redor. Tal como diz Heidegger: “Essa abertura dos outros previamente constituída com o ser-com também contribui para constituir a significatividade, isto é, a mundidade, que como a significatividade se firma no existenciário em-vista-de-quê.” (*Ser e Tempo*. 1ª seção. Cap. 4, §26. Pág.: 355 e 357)

²¹ Pois, assim como o *Dasein* não sai de sua condição existencial para falar da existência que lhe é própria, não sai da linguagem para falar da linguagem. De maneira geral, o *Dasein* é um ser que existe falando, que faz uso da linguagem para expressar sua intramundandade.

Portanto, *Mitdasein* é um outro ponto importante e que está implícito a nossas práticas linguísticas. Afinal, não existe linguagem sem engajamento social, relação com outros seres.

Todavia, devemos expor mais detidamente sobre o modo de ser *Zuhandenheit*. Uma vez que, as inferências materiais nas quais nos comprometemos ao fazer uso da linguagem, implicitamente admitem uma iniciação em práticas com coisas ao redor, que consideramos serem originárias.

Assumindo a existência, nessa perspectiva heideggeriana, um caráter de jogo e imersão, o *Dasein*, como diz Giacoia: “[...] existe sempre em comércio com os outros entes [...]” (GIACOIA, O. 2013, p. 72)

Na relação em que os entes nos vem de encontro como entes ou coisas (*Ding*) disponíveis, empregamos uma certa performance ao lidar com os mesmo.

Esta performance caracteriza o modo próprio do existir cotidiano do *Dasein*, onde fazemos uso de coisas para uma determinada finalidade prática. Como diz Heidegger: “Instrumento é por essência ‘algo para...’.” (*Ser e Tempo*. 1ª seção. Cap. 3, §15. Pág.: 211)

Portanto, lidar com algo para alguma finalidade prática, nos remete, como diz Heidegger, para: “Os diversos modos do ‘para algo’, tais como a usuabilidade, aptidão a contribuir, empregabilidade, maneabilidade, constituem uma totalidade-instrumental.” (*Ser e Tempo*. 1ª seção. Cap. 3, §15. Pág.: 211)

Nestes diversos modos de relação prática, que mantemos com as coisas em comércio, no vetor de sentido *Zuhandenheit*, como diz o filósofo: “[...] reside uma *remissão* de algo a algo.” (*Ser e Tempo*. 1ª seção. Cap. 3, §15. Pág.: 211)

Em outras palavras, operar com coisas nos remete holisticamente à outras coisas em contexto, como explicita Heidegger:

Correspondente à sua instrumentalidade, o instrumento é sempre a partir da pertinência a outro instrumento: escritório, escrivaninha, pena, tinta, papel, pasta, mesa, lâmpada, móveis, janelas, portas, quarto. Essas “coisas” nunca se mostram de imediato separadas umas das outras, vindo depois, num como que soma de coisas reais, a preencher um quadro. (*Ser e Tempo*. 1ª seção. Cap. 3, §15. Pág.: 211)

Esta relação holística pré-conceitual caracteriza o modo de ser de nossas atividades nesse vetor de sentido pragmático, nos parecendo, assim, que nossas práticas linguísticas, como

brandomianamente exposto, reafirmam a dinâmica de nossas atividades nesse âmbito pré-linguístico.

De fato, ao nos comprometermos com o conceito de “mesa” em uma proposição, devemos também dominar outros conceitos interligados. Como diz Brandom, sobre o inferencialismo que é consequência direta do expressivismo assumido neste trabalho:

[...] para se dominar *qualquer* conceito, é preciso dominar *muitos* conceitos, porque a captação de um conceito consiste no domínio de pelo menos algumas de suas relações inferenciais com outros conceitos. (BRANDOM, R. 2000; 2013, p. 63)

Nos parecendo, assim, que nossa abordagem inferencialista do conteúdo conceitual é consequência de nossas atividades pré-conceituais e pré-linguísticas, ou seja, fazer uso da linguagem deve demandar implicitamente o domínio de práticas pré-linguísticas.

Não diferentemente, Wittgenstein concebe, a partir do conceito de jogo (*Spiel*), nossas inferências como oriundas de práticas mais básicas.

3.2. *Sprachspiel* enquanto prática originária

Como colocado anteriormente, Wittgenstein compreende o jogo de linguagem na relação ampla entre linguagem e atividades desenvolvidas contextualmente.

Desta forma, defendemos que nossa linguagem fundamenta-se no âmbito contingente e variável de nossas práticas pré-linguísticas.

Se em Heidegger dissermos que nossa linguagem fundamenta-se na constituição existencial do *Dasein*, e mais precisamente, em sua mundanidade, em Wittgenstein podemos dizer que nossa linguagem é debitaria de nossas práticas, que são próprias de nossa “forma de vida” (*Lebensform*).

Certamente Wittgenstein não evoca nenhuma ontologia existencial para afirmar, por exemplo, que: “[...] representar [imaginar] uma linguagem significa representar-se [imaginar] uma forma de vida.” (*I.F.* §19)

No entanto, o conceito de *Lebensform* wittgensteiniano, nos permite perceber o ser usuário de linguagem que somos, que desenvolve práticas peculiares na história e na cultura.

Este conceito de “forma de vida”, embora seja pouco explorado por Wittgenstein em suas *Investigações*, nos permite, no pouco que o filósofo explicita, interliga-lo ao conceito de jogo de linguagem, logo, ao que está sempre implícito à nossas práticas linguísticas. Como diz o filósofo: “O termo ‘jogo de linguagem’ deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida (*Lebensform*).” (*I.F.* §23)

Aqui, atividade ou engajamento em práticas equivale a pertencer necessariamente a uma forma de vida.

Ainda sobre o conceito de “forma de vida”, embora não explicitemos detidamente em nosso capítulo anterior, ele é expresso pelo filósofo como nossa forma própria de existir marcadamente biológica, cultural e histórica, e isto se mostra explicitamente quando fazemos uso da linguagem.

Portanto, podemos reafirmar nossa tese da seguinte maneira: Quando proferimos, falamos, ou fazemos um discurso, tornamos explícito nossa forma de vida, entendendo aqui, *Lebensform* como imersão cultural e, necessário, pertencimento a uma história natural.

Nos mostrando, assim, o quão interessante é pensar a possível convergência entre o conceito wittgensteiniano de “forma de vida” e o modo de ser mais fundamental do *Dasein* enquanto exterioridade (*Da*) e intramundandade.

Como dissemos, Wittgenstein não faz uma ontologia para descrever o fenômeno linguístico, no entanto, parece beirar uma aceitação de uma ontologia do tipo heideggeriana para falar de nossa linguagem.

Essa confluência entre Wittgenstein e Heidegger, que colocamos como possível, se motiva, sobretudo, pela constatação de que o fenômeno linguístico, na medida que torna explícito nossa imersão na história e na cultura, aceita implicitamente práticas originárias, variáveis e contingentes à dinâmica do jogar. Logo, que são bastante próprias desse existir ou de nossa forma de vida, como ressalta Wittgenstein. (*I.F.* §23)

Não nos parecendo haver, assim, uma grande distância entre os conceitos de forma de vida wittgensteiniana e de intramundandade heideggeriana, uma vez que, ambos os conceitos expressam bem o fundamento sem fundo fixo de nossas práticas.

Sobre essas práticas originárias e contingentes no jogo, Wittgenstein promove em uma de suas analogias um dado curioso, entre nossas variáveis formas de fazer uso da linguagem, e

nossas práticas mais naturais²² (originárias): “Comandar, perguntar, contar, tagarelar pertencem à história de nossa natureza assim como andar, comer, beber, jogar.” (I.F. §25)

Vejamos os variados jogos de linguagem que utilizamos, afim de percebermos nessa nova visão de linguagem dada por Wittgenstein, o quanto nossas práticas linguísticas se arraigam em práticas mais originárias:

Comandar, e agir segundo comandos -
 Descrever um objeto conforme a aparência ou conforme medidas -
 Produzir um objeto segundo uma descrição (desenho) -
 Relatar um acontecimento -
 Conjeturar sobre o acontecimento -
 Expor uma hipótese e prová-la -
 Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas-
 Inventar uma história; ler -
 Representar teatro -
 Cantar uma cantiga de roda - [...] (I.F. §23)

O emprego da linguagem nesses exemplos de jogos dados por Wittgenstein, como já vimos, não põe em evidência objeto algum, mas, estão eles interligados a nossas contingentes habilidades de atuar, que depende tanto do contexto, quanto de nossa especificidade biológica.

Pensemos no ato de representar uma peça teatral. Os sentimentos representados, as variadas maneiras de agir em cada ato, o correr, o abraçar, beijar... as inúmeras formas de atuar denotam o domínio de regras inerentes ao jogo, e a nossa natureza animal, isto é, nosso modo próprio de andar, expressar emoções, lidar com instrumentos, engajar-se em atividades coletivas, beber, comer, e etc.

Este fundamento variável, fluido, e básico de nossas ações, que chamamos de originárias, tomando por empréstimo o vocabulário heideggeriano de *Ser e Tempo*, é o que marca nossa linguagem mais cotidiana.

De maneira geral, ao fazermos uso de nossa linguagem “expressamos” ou tornamos explícito essa nossa constituição fundante, marcadamente finita e amplamente indeterminada.

Desta forma, é salutar reafirmar o expressivismo que marca nossa atividade conceitual, como diz Brandom: “O que é expresso aparece de duas formas, como implícito (apenas potencialmente expressável) e explícito (o que é realmente expresso).” (BRANDOM, R. 2000; 2013, p. 27)

²² Entendo natural aqui, não no sentido exclusivamente biológico, mas, também, antropológico e social.

O que se coloca como potencialmente expressável, identificamos da seguinte maneira nas perspectivas de nossos filósofos: i) No contexto wittgensteiniano, são nossas práticas mais originárias dentro do jogo de imersão social, nossas relações pré-linguísticas com coisas e outros seres como nós em contextos variados; ii) No contexto heideggeriano, potencialmente expressável é o que podemos compreender (*Verstehen*) e operar na relação dinâmica com o mundo circundante e com outros *Dasein's* (*Mitdasein*).

O que é explícito, expresso ou inferido, denota nosso compromisso material com coisas que nos são acessíveis originariamente na cultura e na história, como vimos nas perspectivas linguísticas de nossos filósofos.

Por fim, muitas são as convergências que podemos pensar entre nossos filósofos. Embora, o dado mais forte que nos motivou na escrita deste trabalho foi a convergência no que toca uma noção específica de expressivismo, isto é, sobre aquilo que torna explícito nossa linguagem em forma de proposições afirmativas, no jogo de imersão cultural e histórica.

Este expressivismo pragmatista marcado por um modelo inferencialista, como vimos, segundo a abordagem brandomiana ao decorrer de nossa pesquisa, admite: i) Uma postura pragmática acerca do fenômeno linguístico, porque persegue: “[...] uma estratégia explicativa, iniciando com a história sobre a prática ou atividade de aplicar conceitos e elabora, sobre essa base, um entendimento do conteúdo conceitual.” (BRANDOM, R. 2000; 2013, p. 14); ii) Como estatuto fundamental da intencionalidade a linguagem, já que: “O uso de conceitos é tratado como uma questão essencialmente linguística.” (Ibidem. 2000; 2013, p. 16); iii) Uma explicação metodológica descendente: “[...] porque elas começam a partir do uso de conceitos e o que se faz com os conceitos é aplica-los no juízo e na ação.” (Ibidem. 2000; 2013, p. 24); iv) A expressão como atividade conceitual fundamental para inferirmos algo: “[...] transformando algo que inicialmente só podemos *fazer* em algo que podemos *dizer* [...]” (Ibidem. 2000; 2013, p. 19) e, por fim, v) Uma postura holística e relacional do conteúdo conceitual, reafirmando o dinamismo de nossas práticas mais originárias que se desenvolvem, não diferentemente, como oriundas de nossa história e cultura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi pensar convergências entre Heidegger e Wittgenstein no quesito linguagem, e tudo aquilo que consideramos seu entorno: contexto particular (circunstâncias de uso), geral (dimensão social), lida e operação com coisas, e a necessária relação com outros usuários de linguagem.

Nenhum desses entornos, como vimos, se mostram dissociados da linguagem, pois, na medida que fazemos uso da mesma, tornamos explícito nossos comprometimentos práticos com circunstâncias, interação com coisas e outros usuários de linguagem como nós.

Para expressar esses comprometimentos, utilizamos de um expressivismo pragmatista que, como diz Brandom: “[...] se diferencia pela estratégia particular que ele emprega para entender a relação entre o que é meramente implícito e o conceitualmente explícito.” (BRANDOM, R. 2000; 2013, p. 28)

Destarte, iniciamos a partir das seguintes perguntas motrizes, respectivas a nosso segundo e terceiro capítulo: O que torna explícito nossa linguagem, e, o que está implícito em nossas práticas linguísticas?

Em sentido amplo, as convergências que apontamos com o auxílio desta abordagem expressivista pragmatista, foram: i) Nossas práticas linguísticas tornam explícito nossa convivência e imersão em nossa cultura e história; ii) O que está implícito à nossas práticas linguísticas e conceituais são práticas e atividades mais básicas (não conceituais), que Heidegger chama “originária”, bastante própria de nossa existência ou forma de vida finita, contingente e especificamente biológica.

Em sentido estrito, utilizamos caros conceitos das perspectivas de Heidegger e Wittgenstein para se chegar nas convergências anteriores. Esses conceitos não foram expostos por acaso, muito pelo contrário, eles nos parecem bastante propícios para pensarmos possibilidades de convergências entre os filósofos.

Listarei algumas posições comuns e alguns pares de conceitos que acreditamos haver uma possível convergência, respectivos a Wittgenstein e Heidegger, que chamou bastante atenção ao longo desta empreitada inacabada e aberta a discussões: i) Noção de regras (*Maßstaebe*) e o seguimento de regras que emergem do jogar contextual, que são comum aos dois filósofos; ii) Noção de jogos (*Spiel*), também comum às duas perspectivas; iii) Noção ampla de jogo de linguagem X Noção de linguagem como articulação ou expressão da

constituição existenciária do *Dasein* que está sempre em jogo; iv) Noção de forma de vida X intramundandade;

É importante salientar que, essas posições comuns e conceitos elencados em pares tem suas especificidades no cânon filosófico de cada pensador. No entanto, como percebido, nossa atenção não se voltou para esses detalhes que requereriam um trabalho exegético gigantesco, o que demandaria muito mais tempo que o ofertado.

Ao invés disso, nos concentramos na tarefa dupla de recusar, como fundamentais, posições referencialistas e representacionalistas acerca de nossa linguagem, apontando uma tese e a defendendo, e ao mesmo tempo, mostrando as convergências dos filósofos neste percurso.

Ademais, se em Heidegger podemos dizer que, o propósito central e inacabado de *Ser e Tempo* é fazer uma hermenêutica-fenomenológica do ser finito que somos, lançados em um mundo ausente de fundamentos fixos. Em Wittgenstein podemos dizer que, o propósito central das *Investigações* é fazer uma espécie de fenomenologia da linguagem, que parece envolver grande parte do pano de fundo daquele ser essencialmente intramundano que faz uso da linguagem.

Embora os propósitos de *Ser e Tempo* e das *Investigações Filosóficas* sejam diferentes, em alguma medida eles se abraçam. Pensar este “abraço” é, sem dúvida, uma tarefa desafiadora que nos propomos brevemente com o auxílio metodológico de Robert Brandom para articular razões que tem por marca fundamental a contingência.

REFERÊNCIAS

BRANDOM, Robert. **Articulando razões: Uma introdução ao inferencialismo**. Tradução de Agemir Bavaresco. 1ª ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2013.

_____. *Articulating Reasons: an Introduction to inferentialism*. Cambridge: Massachusetts. Harvard University Press.2000.

_____. *Tales of the Mighty Dead: Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002.

BRAVER, Lee. *Groundless Grounds: A study of Wittgenstein and Heidegger*. The MIT Press, Cambridge e Londres, 2012.

DESCARTES, R. *Discurso do método, Meditações, Objeções e respostas, As Paixões da Alma, Cartas*. São Paulo: Abril Cultural, 3ª ed., 1983. (Col. Os Pensadores)

GIACCOIA JUNIOR, O. **Heidegger Urgente. Introdução a um Novo Pensar**. 1ª edição. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GLOCK, H. J. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Ed.: Edições 70. Tradutora: Maria da Conceição Costa.

_____. **Introdução à filosofia**. Tradução de Marco Antonio Casanova. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Ser e Tempo**. Traduzido, organizado, notas e anexos de Fausto Castilho. Campinas: Unicamp, SP; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Trad. Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

REIS, R. R. *Heidegger, a transcendência como jogo*. Práxis Filosófica, Santiago de Cali - Colômbia, v. 1, n.10/11, p. 341-353, 1999.

SILVA, M. A. *Existe uma medida real no mundo? Algumas reflexões wittgensteinianas sobre a normatividade a partir de um problema de Hoelderlin e Heidegger*. Disponível em:<<https://www.academia.edu/31933283/2017StudiaHeideggeriana_Existe_uma_medida_real_no_mundo_Algumas_reflex%C3%B5es_wittgensteinianas_sobre_a_normatividade_a_partir_de_um_problema_de_Hoelderlin_e_Heidegger_?auto=download>>. Acessado em: Abril de 2017.

STERN, David. **As Investigações Filosóficas de Wittgenstein: uma introdução.**
Tradução de Marcelo Carvalho e Fernando L. Aquino. – São Paulo: Annablume, 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas.** São Paulo: Ed. Nova Cultural (Col. Os Pensadores – trad.: José Carlos Bruni), 2000.

_____. **Tractatus Lógico-Philosophicus.** Tradução brasileira: Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2010.